



cultura e informação
A REVISTA DO SABIN

1º trimestre letivo 2022 – ano XXVIII – nº 80



O corpo não pode parar

Nosso programa de esportes reconecta alunos ao mundo concreto num momento em que a vida se tornou excessivamente virtual.

No último semestre, após 16 meses de interrupção devido à pandemia, as aulas presenciais do Sabin+Esportes&Cultura, enfim, estavam de volta. Como coordenador do programa e apaixonado por esportes, sou suspeito, mas considero aquele o melhor acontecimento do ano passado, para os alunos e para toda a comunidade – incluindo os pais, em cujo olhar foi evidente a alegria de rever, na saída do Colégio, as bochechas rosadas e suadas dos filhos, após um dia de merecido esforço nas quadras e ginásios.

Olhando para trás, sei que fizemos o possível, com base nas melhores informações disponíveis a cada momento, para incentivar os alunos a continuar se exercitando, apesar dos obstáculos. Exceto por um breve período no início da quarentena, nunca deixamos de oferecer, primeiro remotamente e depois presencialmente, propostas de atividades para a manutenção do condicionamento físico, como exercícios coordenativos, de alongamento e de agilidade. Assim foi tanto em aulas de Educação Física como em horários extracurriculares do Sabin+Esportes&Cultura.

Não eram as circunstâncias ideais, mas foi o nosso melhor. E foi muito! Com a vontade e o empenho de todos, conseguimos não apenas manter os alunos se movimentando, como também realizar, com grande engajamento, uma Olimpíada Sabin, em 2020, e duas edições do FestSabin, em 2020 e 2021. O “mundo havia parado”, mas nosso corpo não podia parar.

Mas nada se compara a termos voltado a oferecer presencialmente, no segundo semestre de 2021, as modalidades esportivas do

Sabin+Esportes&Cultura. Com imensa felicidade, vimos os alunos voltar aos ginásios, quadras, piscinas e tatames – com todos os cuidados sanitários exigidos.

Pareamos nossos judocas em duplas fixas, para reduzir o contato entre alunos. Dispensamos o uso de quimonos e *collants* de ginástica, para evitar aglomeração nos vestiários; no caso da Natação, definimos o limite de sete ocupantes por vez. Dividimos as turmas dos esportes coletivos em grupos menores, distribuídos pelas quadras do Colégio, e priorizamos exercícios em duplas ou trios. Enfatizamos a lavagem frequente de mãos e o uso de máscaras a todo momento – regra, inclusive, para os nadadores, sempre que fora da água.

Valeu a pena retornar aos esportes mesmo com tantas ressalvas? Tenho certeza de que sim – e não sou o único. Porque vi o ânimo renovado dos professores, para quem a interação com os alunos sempre foi um combustível, e dos alunos, para quem o programa não significa apenas praticar seus esportes preferidos, mas também se reconectar ao mundo concreto, físico, num momento em que a vida de todos se tornou excessivamente virtual. Como coloquei acima, eu vi sinais desse ânimo renovado nas bochechas rosadas dos alunos e no olhar dos pais, ao ver os filhos novamente assim.

Eu vi, em suma, um clima geral mais vibrante, alegre, feliz, de uma escola que sempre valorizou o esporte como fonte de encantamento e parte integral do desenvolvimento do ser humano. Um clima que, com os mesmos cuidados de sempre, tem tudo para permanecer em 2022, com a – tão esperada! – volta do Programa de Esportes e Cultura com sua carga total.



Paulo Rogério Vieira
Coordenador do Programa
Sabin+Esportes&Cultura
pvieira@albertsabin.com.br



Escolhas que nos definem

Revista do Sabin,
1º trimestre
letivo 2022
ano XXVIII – nº 80
Alunas da capa:
Julia Goya, Beatriz
Duarte e Brenda
Okubo, alunas da
Ginástica Rítmica.

4+5



+ Conversa Paralela

Especialista fala sobre EUA, Afeganistão e geopolítica global

6+7



+ Educação Infantil

Alunos descobrem na música uma linguagem expressiva e estimulante

8+9



+ Ensino Fundamental I

Sustentabilidade inspira projetos e questionamentos sobre valores

10+11



+ Ensino Fundamental II

Itinerários formativos e a consciência sobre as próprias decisões

12+13



+ Ensino Médio

Novas disciplinas ampliam os horizontes de alunos do Médio

14



+ Idiomas

Nas eletivas do Médio, aulas em inglês sobre ciência, poesia e muito mais

15



+ Esportes&Cultura

A Ginástica Rítmica e a busca pela delicada perfeição

16+17



+ DataSabin

O Sabin em números

18+19



+ Livre Expressão

Desafios da cultura de paz em tempos conflituosos

20



+ Encantamento

A experiência de Leticia Ferreira como mentora de vestibulandas

EXPEDIENTE A Revista do Sabin é um órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin e da Escola AB Sabin.

Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br – **Colégio AB Sabin.** Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br – **Mantenedores:** Gisvaldo de Godói, Neusa A. Marques de Godói, Cristina Godói de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Sílvia Adrião (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Cláudio Pinheiro, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Paulo Rogério Vieira, Sílvia Adrião **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 0049431/SP) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustradora convidada:** Karla Linck (págs. 10 e 11) **Textos:** Alexandre Bandeira, Diogo Monteiro (págs. 4 e 5), Gerson Sintoni (pág. 20) **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte **Distribuição gratuita. 1º trimestre letivo 2022.**



Rodrigo Amaral, professor de Relações Internacionais

O estudo das potências

Ex-aluno do Sabin, especialista avalia conflitos e movimentações recentes no cenário geopolítico internacional.

A TRAJETÓRIA DE RODRIGO AMARAL, 28 ANOS, PROFESSOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (RI) DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP), PODERIA TER SIDO BEM DIFERENTE, NÃO FOSSEM AS TARDES QUE PASSOU FREQUENTANDO OS MÓDULOS DE APROFUNDAMENTO DO COLÉGIO ALBERT SABIN, NO FIM DOS ANOS 2000. FOI QUANDO O JOVEM, EM DÚVIDAS SOBRE QUAL CARREIRA SEGUIR, TRAVOU CONHECIMENTO COM A ÁREA DE ESTUDO À QUAL DEDICARIA OS ANOS SEGUINTE DE SUA VIDA. DECIDIDO, ELE ABRAÇOU NÃO APENAS O CURSO DE RI, COMO TAMBÉM A ATIVIDADE ACADÊMICA, DESENVOLVENDO PESQUISAS, TANTO NO MESTRADO QUANTO NO DOUTORADO EM ANDAMENTO, EM TORNO DAS INTERVENÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS NO ORIENTE MÉDIO – ASSUNTO QUE GANHOU MAIS RELEVÂNCIA DESDE AGOSTO, QUANDO O MUNDO ASSISTIU À VOLTA DO TALIBÃ AO PODER NO AFGANISTÃO. NESTA ENTREVISTA, O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E EX-ALUNO DO SABIN CONVERSA SOBRE SUA ESCOLHA DE CARREIRA E O COMPLEXO CENÁRIO GEOPOLÍTICO ATUAL.

Como se deu a opção pela carreira em Relações Internacionais?

No Ensino Médio, fiz os Módulos de Aprofundamento do Sabin, nos quais fui bastante inspirado por professores como Marta [Rovai], de História, Denise [Masson], de Redação, e Émerson [Braga], de Geografia. Aquilo foi muito mais que um reforço para o vestibular. Lembro que não conhecia bem a área de RI, mas a Marta me dizia: “Olha, é uma área em ascensão, promissora”. A visão dos professores, que conheciam os alunos e identificavam em nós essas aptidões, serviu para me encaminhar. Tenho até hoje

contato com eles e tive o prazer de escrever um capítulo de um livro que a “Martinha” organizou, recentemente. Hoje, tenho o prazer de chamá-los de colegas.

Seu mestrado e doutorado abordam a ocupação do Iraque pelos EUA. Outra ocupação no mesmo contexto foi a do Afeganistão, que teve fim há seis meses. Como as duas se conectam?

As ações intervencionistas dos EUA no Afeganistão, em 2001, e no Iraque, em 2003, levaram em conta três justificativas principais: uma ideia de “promoção de democracia”,

que os americanos usam como razão para intervenções há mais de um século; a “promoção do livre mercado” em espaços onde ele não é pleno, facilitando a entrada de multinacionais e sustentando a base econômica global; e a mais decisiva, o “combate ao terrorismo”, que foi a reação do governo George W. Bush ao 11 de Setembro. Estudos indicavam que a Al-Qaeda estava espalhada por vários lugares – na região do Afeganistão, talvez no Iraque e também no Paquistão e na Arábia Saudita. Mas o Paquistão nunca se contrapôs tradicionalmente à ordem liberal internacional, e os sauditas sempre foram parceiros dos EUA. O Afeganistão, por outro lado, era um país oportuno para receber uma intervenção, justamente porque quem estava à frente era o Talibã, que atingiu esse poder por volta de 1996, através de uma insurgência, e não era reconhecido pela comunidade internacional como um governo legítimo. Era pegar “dois coelhos com uma cajadada só”.

Exceto pela caça à Al-Qaeda e a Osama bin Laden, a ocupação do Afeganistão não parecer trazer mudanças palpáveis para o país.

Sim, a entrada dos EUA não acaba com o Talibã. O grupo vai para o interior do país e ali fica por duas décadas, com apoio político de boa parcela da população, mais conservadora e rural, e estrutura política forte, por conta do mercado ilícito, especialmente a produção de ópio. A população nunca foi a favor do governo fantoche apoiado pelos EUA, essa democracia construída de maneira bastante torta, e o Talibã se aproveitou. Quando os EUA se retiraram, sob pressão dos próprios norte-americanos, imediatamente o Talibã recupera a força que nunca deixou de ter. Isso demonstra que a suposta construção de uma democracia liberal no país foi um projeto fracassado.

O Talibã de 2022 é mais forte ou mais fraco que o de 1996?

É mais forte. Ele está em um contexto internacional muito mais favorável, porque tem Estados fortes dispostos a negociar e a reconhecer o novo governo, como a China, a Rússia e o Irã. Muito diferente dos anos 1990, em que o Talibã não tinha quase nenhum apoio internacional. A China, particularmente, é muito importante, porque o Afeganistão faz parte da nova Rota da Seda, o caminho que liga a Ásia à Europa. Então, essa nova posição do Afeganistão também é vista como uma crise do modelo liberal internacional norte-americano.

Em que sentido?

Os EUA não estão mais sozinhos, dominando a estrutura internacional, como depois da Guerra Fria. A China está se tornando parilha em termos econômicos. Outros países adquiriram a tecnologia nuclear. Até a hegemonia cultural vem sendo disputada por produções cinematográficas não americanas, como as da Coreia do Sul, da Índia e da própria China. Por outro lado, existe uma questão a se considerar, que é a estrutura de organização das relações internacionais. Ela ainda é liberal e capitalista, que é a proposta americana. Ainda vivemos sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU) e de estruturas de cooperação internacional – isso não está sendo questionado.

Mas tais estruturas (como ONU, OMC e OMS) vêm sendo alvo de movimentos antiglobalistas e ultranacionalistas em vários países, inclusive no Brasil. Isso não acende um alerta?

Acendeu, sim, um alerta. Esses ataques vêm de nacionalismos estranhos, que não são interessantes para nações como o Brasil. As consequências são evidentes, seja no adensamento das crises política e econômica brasileiras, seja na crise sanitária que ainda estamos vivendo. Mas esses movimentos não representam o todo das populações desses países. As bases de colaboração que foram assentadas em uma estrutura internacional, com o fim da Segunda Guerra, ainda são fortes e se renovam. Tenho tendência a pensar positivamente: acho que esse movimento extremado vai ser afogado.

Por fim, como avalia a atual tensão na fronteira entre Rússia e Ucrânia?

As tensões entre Rússia e Ucrânia são muito antigas, remetem à Idade Média. A Ucrânia é uma zona vital para o poder russo, é um espaço essencial de produção, logística e transporte de gás natural. Mas, depois do fim da URSS, tornou-se um problema para os russos, visto que é o país que se pretende mais “ocidentalizado” entre os que compunham o bloco. Portanto, de um lado, dificultar a vida dos ucranianos é parte de um exercício de poder da Rússia para se manter como potência internacional, do outro, o sucesso da Ucrânia em direção a um modelo liberal capitalista seria o enfraquecimento da capacidade geopolítica russa. É isso que está em jogo. Eu diria que não devemos esperar qualquer tipo de incursão militar de alto nível, pois, além de ser muito custoso, poderia gerar um conflito internacional indesejado. Mas podemos esperar exercícios e ataques militares pontuais na fronteira, nessa escala.

As primeiras notas

Da exploração de sonoridades à compreensão de conceitos como ritmo e melodia, alunos descobrem na música uma linguagem expressiva e estimulante.

“Aaa doona Araanha suubiu pela pareee-de, veeio a chuuvva foorte e a deeerrubou!”

Espalhados pela sala de aula, os alunos da professora Mariana Carvalho caminham lentamente, como imaginam que uma Vovó Aranha “beeem velhinha” caminharia, acompanhando o andamento vagaroso dado à famosa canção. A cena diverte, como também diverte quando a professora toca uma versão acelerada da música, e a turma passa a se mover com a vitalidade da Filha Aranha. Quando chega a hora da versão tradicional, e eles passam a andar normalmente, uma aluna comenta: “A Mamãe Aranha tá passeando no shopping!”

Mariana é a professora de Educação Musical do Pré I ao 3º ano do Sabin, e o episódio ilustra alguns aspectos da sua abordagem e do propósito da disciplina. Segundo ela, em vez de utilizar músicas apenas como recursos didáticos – para ensinar, por exemplo, letras do alfabeto ou sequências numéricas –, em suas aulas a musicalidade é, em si, o aprendizado mais importante.

“A música é uma linguagem como as outras, e a criança precisa conhecer seus elementos e propriedades para entender como podemos nos expressar com eles”, diz a professora.

Ela cita elementos como ritmo, melodia e harmonia, e propriedades como duração (sons longos ou curtos), altura (graves ou agudos), intensidade (o que se costuma cha-

mar de volume) e timbre (que ela define como a “cor” do som). “Eu explico que timbre é o que nos faz reconhecer a voz da mamãe ao telefone, ou distinguir entre o piano e o violão”. São conteúdos que, como quase tudo que se aprende na Educação Infantil, começam a ser compreendidos pela criança a partir do próprio corpo.

É o caso das aulas com as diferentes versões da música da Dona Aranha, nas quais Mariana trabalha, com os alunos de Pré I e Pré II, a noção de ritmo, refletido na forma como eles caminham pela sala. E é o caso também de quando ela apresenta para o 1º ano a música *Jack in the Box*, inspirada no brinquedo em que um palhacinho de mola fica retraído em uma caixa, até que alguém a abre, e ele salta, repentinamente. Ao acompanhar o refrão – “*baixo, alto, baixo, alto, que engraçado ele é*” –, os alunos imitam os movimentos do palhaço, alternando entre se agachar (como se dentro da caixa) e se levantar (fora da caixa), enquanto cantam com voz ora grave, ora aguda.

“Antes de eu explicar o que é grave ou agudo, eles precisam sentir”, diz a professora, lembrando-se do comentário de uma aluna que, certa vez, encontrou outra associação adequada para definir a transição de um som grave para um agudo: “*Pró, é que nem a gente subir numa montanha*”.

Aquele era um conhecimento da linguagem musical que a menina havia formulado intuitivamente e passaria

a levar em seu repertório, junto a outros igualmente importantes – como a percepção de que as canções têm cadências, que os alunos aprendem a seguir tocando instrumentos percussivos simples, como chocalhos ou clavas; ou o conhecimento de que, assim como um idioma, músicas também são escritas e lidas por meio de símbolos. “Eu posso associar, digamos, quadrados a sons graves e círculos a sons agudos, e aí eles vão lendo essa espécie de partitura não convencional”, diz Mariana, que, mais à frente, no 3º ano, de fato ensina os alunos a ler partituras reais.

“É interessante notar, também, o quanto tudo isso contribui para o desenvolvimento cognitivo das crianças”, diz Dionéia Menin, coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I do Sabin. “Essas atividades treinam habilidades como percepção auditiva, atenção, memória, coordenação motora, controle inibitório, enfim, uma série de questões que a neurociência já mostrou ter grande influência na escrita, no letramento matemático e na capacidade de raciocínio”.

E Mariana acrescenta, ainda, o desenvolvimento emocional óbvio proporcionado pela música, que tem o efeito de provocar reações diversas nas pessoas, desde alegria até lágrimas, a depender da história e da personalidade de cada um. “Há casos em que os olhos do aluno começam a marejar no primeiro acorde, porque a música o faz se lembrar de algo triste”, diz ela, notando a importância do autocohecimento e da aceitação das próprias emoções para o amadurecimento.

A professora afirma, porém, que não se trata de objetivos independentes uns dos outros. “Nosso trabalho não é setorizado: não existe uma atividade para promover só a noção de ritmo e outra só para a acuidade auditiva. A música é ampla, mexe com tudo isso ao mesmo tempo”.

Para a diretora da Escola AB Sabin, Sílvia Adrião, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, o trabalho com musicalização passa por uma “abordagem exploratória, vivencial”, de uma nova linguagem – e pelo encantamento que ela pode suscitar. Na Escola, os alunos são estimulados a descobrir e a produzir sonoridades diversas por meio da voz, do corpo, de instrumentos ou de qualquer outro objeto que possibilite a investigação do som – até objetos não planejados pelas professoras.

Foi o que fez o menino Arthur Mazzeto Ishimura, então aluno do Pré I, num dia de brincadeiras no bosque, alguns meses atrás. Ele estava batucando um tambor, quando resolveu fazer um teste. “Ele pegou folhas secas do chão, pôs em cima do tambor e bateu de novo”, diz a professora Raquel Atum, lembrando-se da expressão de alegria do aluno ao ver as folhas voando e descobrir que o som havia mudado. Próximo a ele, outro grupo fazia suas próprias descobertas, experimentando tocar vários tambores ao mesmo tempo. “Parece uma bateria”, comentou um aluno. “Se tem bateria, é rock”, concluiu outro.

Segundo Sílvia, os dois exemplos demonstram a importância de se respeitar o protagonismo da criança no contato com a música. “Sim, nós trabalhamos com expectativas de aprendizagem concretas – queremos que o aluno aprenda, por exemplo, a diferenciar e reproduzir sons, a acompanhar uma canção ou a guardar repertório”, diz ela. “Mas o mais importante é mostrar para ele que a música tem valor como linguagem expressiva. Uma linguagem que toda criança tem o direito de conhecer, de experimentar e de desfrutar, pelo simples prazer que ela pode proporcionar”.



Alunos da Ed. Infantil do Sabin brincam com instrumentos: descobrindo os elementos da música.



Na Escola AB Sabin, alunos montam uma bandinha, enquanto Arthur inventa novos sons com o tambor e folhas secas.



O valor do amanhã

Inspirados pelo tema da sustentabilidade, alunos refletem sobre sua forma de estar no mundo e incorporam valores que apontam um futuro melhor.

Errar agora para consertar depois. Nos debates sobre o futuro do planeta, há quem diga que esse é o padrão que lideranças globais têm seguido – erroneamente – para alcançar a sustentabilidade. É o que pensa o sociólogo Ricardo Abramovay, professor do Programa de Ciência Ambiental do Instituto de Energia e Ambiente da USP e autor de livros sobre o tema, como *Muito Além da Economia Verde*. Para ele, o mundo está mais focado em criar tecnologias e políticas para corrigir efeitos indesejáveis dos modelos atuais de desenvolvimento do que em rever os próprios modelos.

Segundo Abramovay, trata-se de um erro não apenas de estratégia, mas, essencialmente, de valores. “O convite da sustentabilidade não é: como vamos diminuir os impactos do que fazemos?”, escreveu o sociólogo. “O convite é: como vamos viver? Como vamos conviver? Como nos relacionamos com as outras espécies vivas? Quais as nossas responsabilidades? O que queremos ser?”

É a compreensão do termo sustentabilidade como uma filosofia baseada em princípios morais – como o respeito ao outro e o senso de coletividade –, que motivaria, mas não se resumiria a ações práticas como plantar árvores ou separar o lixo. E é essa compreensão que o Sabin busca promover entre seus alunos, desde bem novinhos.

“Quando se fala em sustentabilidade, a gente pensa logo nas latinhas coloridas da coleta seletiva. Mas é bem mais que isso; a gente quer falar de sustentabilidade como mote para a reflexão sobre como devemos nos relacionar com as pessoas e com o planeta”, diz Luciana Acorsi, assessora de Filosofia do Ensino Fundamental do Sabin. Ela sabe que se trata de um objetivo ambicioso, mas os últimos anos têm lhe dado motivos para acreditar que é uma ambição possível.

Na última Mostra Cultural do Sabin, em novembro, turmas da Educação Infantil e do

Fundamental I apresentaram, por meio de vídeos, o que haviam aprendido sobre alguns dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) estabelecidos pelas Nações Unidas para 2030. Também conhecidos como Agenda 2030, os objetivos inspiraram desde projetos sobre animais marinhos extintos ou ameaçados de extinção (ODS 14: “Vida na água”) até exercícios de meditação (ODS 3: “Saúde e bem-estar”) e conversas sobre dinheiro, necessidades e desejos (ODS 12: “Consumo e produção responsáveis”) – para ficar apenas em exemplos do 2º ano.

Mas não foi a primeira vez que o Sabin se inspirou na Agenda 2030 para projetos pedagógicos. Cobrindo uma ampla gama de temas a ser explorados, o documento da ONU tem a vantagem de propor metas positivas para o futuro. De focar, como diria Ricardo Abramovay, no mundo que se quer construir e nos valores que se quer promover, e não apenas nos problemas que se quer corrigir.

Tomem-se os trabalhos realizados há anos na horta do Colégio. Para além do conhecimento científico proporcionado pelo espaço – sobre o ciclo de vida das plantas, diferenças entre espécies ou a importância de recursos como água e luz solar –, o contato dos alunos com a horta tem promovido aprendizados que enriquecem sua própria forma de estar no mundo. A começar pela descoberta de que cuidar do meio ambiente tem consequências na vida de cada um.

“Os alunos não vão à horta só plantar e colher. Eles vão cuidar do solo, regar, observar o crescimento da planta, suprir o que ela precisa”, diz Adriana Firagi, professora de alunos de 2º e 3º ano do período Integral. “Depois, quando vamos para a aula de culinária tomar um suco de abacaxi com hortelã que foi colhido na horta, toda essa experiência tem um valor diferenciado para eles”.



Na horta do Sabin, importantes aprendizados sobre plantas e sobre a humanidade.



Já a professora Janete Mendonça, do 4º ano, nota que nem é preciso o aluno colher o que plantou para que o trabalho com a terra tenha significado. “A horta é comunitária, é de todos. As hortaliças plantadas pelo 4º ano podem estar no almoço do Integral”, diz Janete, ressaltando a noção de bem comum – e a natureza é o maior bem comum de todos – e o valor do cuidar *para o outro*.

Segundo as professoras, até o fato de que leva tempo entre semear e colher uma planta reforça a compreensão do conceito da sustentabilidade, que, no fundo, implica agir agora pensando no futuro. “Esse trabalho promove a consciência do efeito de nossas ações a longo prazo”, diz Adriana.

É um aprendizado que vai na mesma linha, diz ela, de um herbário da horta do Sabin – uma coleção de exemplares de plantas dessecadas, conservadas e classificadas por data, local, nome popular e nome científico –, que sua turma do Integral produziu para a Mostra Cultural do ano passado. “Um herbário guarda conhecimento para amanhã alguém poder consultar; e o valor da sustentabilidade é o valor do amanhã”, diz a professora.

Não menos importantes são as técnicas de agroecologia aplicadas no cultivo da horta, que, de certa forma,

trazem lições que podem ser extrapoladas para o terreno da ética e dos relacionamentos. Para quem aprende, por exemplo, a relação de proveito mútuo das chamadas plantas complementares, ou a importância de certos insetos na manutenção da lavoura, não é um grande salto perceber o valor da diversidade. E isso, por sua vez, enseja ricas conversas sobre respeito ao outro, *bullying* – até mesmo sobre a condição de refugiados no mundo hoje. Da mesma forma, entender como uma composteira transforma resíduos em fertilizante pode ser um meio de se falar sobre uso racional de recursos, consumo consciente ou reaproveitamento de alimentos na cozinha de casa.

E, de fato, tais aprendizados se manifestam em casa. “Ouvimos relatos de alunos que passam a questionar quando alguém da família joga comida no lixo, ou que perguntam por que não há recipientes para coleta seletiva no próprio prédio”, diz Luciana Acorsi. “Eles passam a refletir sobre essas práticas, não ficam seguindo regras no automático”. Para a assessora, são indícios de que, mais do que falar em sustentabilidade como uma palavra bonita, porém vazia, os alunos do Sabin vêm incorporando valores que vão determinar o que podem – e o que querem – ser no futuro.



A escolha é sua

Ao escolher seus itinerários, alunos do 9º ano percebem a importância de assumir as próprias decisões.

Laura Amaral se considera uma pessoa indecisa. Para ela, mesmo decisões tomadas com entusiasmo podem ser seguidas pela dúvida: “Tem toda a empolgação na hora, sensacional, mas aí... Nossa, já foi, passou. Será que eu vou? Será que não vou?” Valentina Cruz, por sua vez, sabe ser direta em suas escolhas, mas “até certo ponto”: “Se eu tiver oito opções, descarto várias facilmente, mas vão sobrar duas, e aí começo a pensar demais, até dar um *til!*”. Já Bernardo Napolitano considera: “Posso ser muito indeciso, dependendo do assunto”. Como, por exemplo, a escolha de um caminho profissional.

“Sempre tive facilidade com Matemática, mas gosto mais de Biológicas do que de Exatas. Se escolher Biologia, posso me divertir mais, mas não sei que carreira seguiria. Talvez, se eu cursar Exatas e pegar uma eletiva de Biologia Marinha...”, ponderava o jovem, há alguns meses, às vésperas de decidir quais disciplinas específicas e eletivas incluiria no seu Ensino Médio. Concluintes do 9º ano do Fundamental em 2021, Bernardo, Valentina e Laura tiveram de fazer a mesma escolha de todos os alunos que, hoje, iniciam o novo ciclo. Eles compõem a primeira turma a experimentar o novo modelo do Ensino Médio, mas a ajuda que re-

ceberam do Sabin para definir seus itinerários formativos não foi muito diferente do que o Colégio sempre ofereceu para turmas anteriores do 9º ano, momento no qual, tradicionalmente, começam as conversas sobre carreiras e projetos de vida de cada um.

Afinal, longe de direcionar alunos para um caminho específico, o foco do Sabin sempre foi o de ajudá-los a tomar decisões conscientemente, quaisquer que sejam, conforme seus interesses, gostos e prioridades. A diferença é que, agora, o currículo da 1ª série do Médio também se tornou questão de escolha.

“A temática do projeto de vida se intensifica nos últimos anos do Fundamental, que é quando o estudante precisa consolidar sua capacidade de fazer escolhas – e não apenas profissionais”, diz Cláudio Pinheiro, coordenador do Fundamental II. Segundo ele, tal capacidade tem como pilares tanto um conhecimento do mundo – ou seja, das opções disponíveis e de tudo que elas implicam – como um grau de autoconhecimento, de consciência das próprias inclinações, forças e fragilidades.

Para construir tais pilares, diz Cláudio, o Sabin organiza, por um lado, palestras e apresentações aos alunos do 9º ano, com dados objetivos sobre possíveis trajetórias acadêmicas e profissionais (e agora também sobre as novas disciplinas do Ensino Médio), e, por outro, atendimentos individuais e dinâmicas

coletivas, focados nas habilidades e nos sentimentos envolvidos na tomada de decisão.

“A ideia é que eles tenham condições emocionais de suportar as próprias escolhas”, diz o psicólogo Ricardo Frenkiel, que conduz diálogos e atividades em grupo com os 9ºs anos. “A meta não é que eles tomem decisões com 100% de certeza, mas que tenham consciência de que as decisões são suas e de como chegaram até elas”.

O psicólogo relata, como exemplo, uma dinâmica feita com os alunos no último trimestre letivo de 2021, batizada de Jogo da Nasa. “A ideia era que todos estavam numa nave que havia caído na Lua e tinham de caminhar até a base, a quilômetros de distância, carregando itens como bússola, tanque de oxigênio, água, fósforos, etc. Eles precisavam classificar os itens por ordem de prioridade; primeiro, individualmente, depois, em grupos, chegavam a um consenso”, conta Frenkiel, que em seguida apresentava a lista real elaborada pela agência espacial norte-americana. “Comparando suas listas com o gabarito da Nasa, alguns percebiam que havia sido importante flexibilizar suas opiniões iniciais e ouvir os colegas; já outros, que deveriam ter confiado mais nas próprias escolhas”.

Foi o caso de Valentina Cruz, então no 9º ano D. “Eu sempre pensava que trabalhar em grupo era algo importante, mas, dependendo da situação, às vezes você se dá melhor sozinha”, diz a jovem, traçando um paralelo entre a dinâmica vivida e a escolha do itinerário do Ensino Médio. “Tenho muitos amigos que escolheram o mesmo itinerário para ficar juntos. Mas os critérios são pessoais. *Para mim, não faria sentido*”.

Egressa do 9º ano B, Laura Amaral, por sua vez, afirma ter considerado pelo menos a opinião de seus pais ao definir o que quer e o que não quer como caminho profissional: “Já pensei em fazer Moda, já pensei em dar aula, mas não iria mais por esse caminho. Hoje estou mais inclinada para a Arqueologia ou História”, diz a aluna, que termi-

nou escolhendo o itinerário Múltiplas Linguagens (e, como eletiva, a disciplina História do Cinema e o Cinema na História).

Segundo Cláudio Pinheiro, não é errado decidir por influência de amigos ou familiares, desde que se saiba que as consequências de qualquer decisão serão individuais. O coordenador até aconselha que os alunos conversem com os pais sobre suas carreiras e histórias pessoais, mas insiste que a família seja mais um, e não o único ponto de apoio do adolescente.

O coordenador acrescenta também que a escolha dos itinerários formativos deve ser encarada de forma mais leve do que uma decisão profissional definitiva. “Primeiro, sugiro que eles não foquem no longo prazo, mas em como se veem daqui a três anos. Como percorrer esse período com mais tranquilidade?” A resposta, diz ele, pode estar nas oportunidades que o novo Ensino Médio propicia. “Essa escolha pode ser entusiasmante, porque está relacionada ao que motiva o adolescente. Queremos ressaltar o prazer que se pode sentir ao experimentar possibilidades”.

Valentina parece concordar com o coordenador. “Para quem quer testar algo novo, [o modelo de itinerários] é extremamente interessante”. Por outro lado, “cursar o que você já sabe que quer também pode abrir seus horizontes”, diz a jovem, que se manteve firme em sua decisão de trilhar o itinerário Trajetórias Humanas: Espaços e Tempos. (Já Bernardo Napolitano, que estava dividido entre Exatas e Biológicas, optou pelo itinerário Ciência e Pesquisa – e pela eletiva de Biologia Marinha.)

“Na verdade, não há uma única orientação correta”, diz Cláudio Pinheiro. “Tem alunos que precisam experimentar, outros precisam se aprofundar em um campo para tomar a decisão mais assertiva. Nosso papel é ajudá-los a descobrir o que é melhor para cada um”.

Novas oportunidades de se descobrir

Indo além da BNCC e dos vestibulares, disciplinas específicas e eletivas abordarão temas diversos para alunos encontrarem o próprio caminho.

Existem pessoas que desde muito jovens sabem o que querem fazer na vida. Seja por inspiração dos pais, seja por admiração a algum ídolo, seja por demonstrarem talentos comumente associados a certas carreiras, essas pessoas escolhem cedo uma profissão, em torno da qual desenvolvem seus interesses, hábitos, sua própria personalidade.

Para a maioria, porém, não é simples assim. O mais frequente é que se considerem algumas opções, baseadas em suspeitas e primeiras impressões, que só ficam mais nítidas quando testadas na prática. É quando o jovem entra na faculdade e conhece melhor tudo que deverá aprender, as demandas e as oportunidades da área na qual irá atuar, as dores e as delícias decorrentes de sua escolha.

O novo modelo do Ensino Médio, que o Sabin inicia neste ano, tem a vantagem de antecipar o contato do jovem com possíveis caminhos acadêmicos e profissionais. Indo além dos conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do que se cobra nos vestibulares e no Enem, as disciplinas específicas e eletivas planejadas para os itinerários formativos do novo Ensino Médio (*v. quadro*) podem dar ao aluno uma visão mais clara do que ele verá na universidade, das perspectivas e dilemas que cada campo profissional enseja no mundo contemporâneo.

“Não dá para garantir que o aluno tome uma decisão com 100% de certeza, mas será uma decisão bem mais segura”, diz a coordenadora do Médio, Áurea Bazzi, para quem o novo modelo vai dar a chance ao aluno de experimentar e validar seu projeto de vida, ou descobrir e se encantar por novos caminhos. “Às vezes, um curso ou uma aula podem mudar o rumo de uma vida”.

“As disciplinas específicas foram pensadas para ter forte vínculo com problemas reais da atualidade”, diz o assessor de Filosofia, História e Sociologia, Cosme Freire Marins, um dos responsáveis pelo itinerário Trajetórias Humanas. “São assuntos prementes para todo

profissional, em seus respectivos campos de atuação. Veja o estudo da Ética: parece que nunca foi tão necessário quanto hoje. Ou a ocupação de territórios pelo mundo, um processo político que tem envolvido grandes disputas”.

Pela mesma lógica, dilemas modernos como a gestão do lixo, a busca por fontes de energia limpa, a necessidade de capacitação tecnológica num mercado em veloz mudança ou a hiperconectividade da vida, que transforma todos em consumidores e produtores de informação, também serão abordados nos demais itinerários do Ensino Médio.

Cosme ressalta, ainda, o cuidado do Sabin em apresentar autores contemporâneos sobre os temas abordados. “No curso de Humanas, por exemplo, vamos ler autores da corrente decolonial, que questionam o olhar eurocêntrico e propõem novas perspectivas”, diz ele. “O olhar europeu sobre a questão dos refugiados é bem diferente do africano”.

Segundo o assessor de Física, Jackson Padilha, um dos responsáveis pelo itinerário Ciência e Pesquisa, trata-se de apresentar uma visão mais atualizada e, sobretudo, mais aprofundada das áreas de interesse dos alunos.

“Quem quiser cursar Medicina não precisa entender só da biologia do corpo humano; tem que ver muita coisa de Química, de Física. Já o curso de Matemática vai ter até Cálculo, que é uma disciplina de nível universitário, mas muito importante, com diversas aplicações”, diz o assessor. “E o interessante é que, quanto mais você se aprofunda em um assunto, mais conexões com outros você passa a enxergar. Por exemplo, podemos ver a aplicação da energia nuclear em usinas e em equipamentos de medicina diagnóstica e tratamentos oncológicos; com o Cálculo, criam-se modelos que podem explicar fenômenos da natureza”, diz Jackson. Para ele, longe de afunilar os interesses dos alunos, o novo Ensino Médio tem o potencial de abrir horizontes.

Para a assessora de Língua Portuguesa, Denise Masson, o itinerário Múltiplas Linguagens é um bom exemplo de como o modelo ressalta a integração de saberes. “Talvez

seja o mais abrangente dos itinerários, já que ler e registrar nossa leitura do mundo é necessidade de todos”, diz Denise, que também crê que o grau de aprofundamento dos temas abordados seja um diferencial das disciplinas específicas. “Vamos trazer para a escola discussões técnico-científicas que estavam fora dela. Por exemplo, todo mundo tem de se comunicar, mas isso não significa falar ou escrever qualquer coisa. Tem teoria por trás, tem recursos técnicos. A Semiótica ajuda na leitura de símbolos e sinais; a neurociência e a teoria da mente mostram a importância de primeiro se entender como o outro pensa para se construir um discurso que seja mais bem recebido. Conhecer esses conceitos torna qualquer um capaz de uma comunicação mais eficiente, respeitosa e não agressiva”.

Já as disciplinas eletivas, por sua vez, oferecem ainda melhores oportunidades para o aluno experimentar áreas distintas dos seus planos principais, na busca pelo seu caminho particular. Segundo Áurea Bazzi, se as disciplinas específicas primam por um aprofundamento

conceitual nos campos escolhidos pelos jovens, as eletivas, em certo sentido, vão ter uma abordagem “menos conteudista”, para interessar a alunos de qualquer itinerário.

“Uma disciplina específica sobre energia nuclear vai focar na ciência das radiações, nas interações no interior do átomo”, diz a coordenadora. “Já uma eletiva pode abordar esse conteúdo de forma mais básica para focar na diversidade de aplicações dessa ciência para a Medicina”. Interessa ao futuro profissional de saúde, claro, mas também pode interessar ao futuro jornalista científico.

É o mesmo tipo de apelo geral que os professores esperam criar com eletivas montadas em torno de temas como moda, história do futebol, educação financeira, arte contemporânea, entre outros. “As eletivas estão aí para encantar o jovem, para ‘brilhar o olho’. Eu mesmo sou de Humanas, mas tem coisas na Oceanografia e na Física que me atraem muito”, diz Cosme Marins.

“Vamos mostrar aos alunos que existe um quebra-cabeças no seu caminho formativo”, diz Denise Masson. “Mas são eles que vão escolher as peças para montar”.

NOVAS DISCIPLINAS DO ENSINO MÉDIO DO SABIN: QUAL O SEU INTERESSE?

CIÊNCIA E PESQUISA (temas abordados)

ESPECÍFICAS

- Cidades sustentáveis
- Energia nuclear

ELETIVAS

- Biologia marinha
- Tecnologias contemporâneas e Física moderna
- História da Ciência (em inglês)
- Química forense
- Tecnologia e Medicina

MATEMÁTICA E TECNOLOGIA (temas abordados)

ESPECÍFICAS

- Geometria e fabricação digital
- Programação linear
- Introdução ao Cálculo

ELETIVAS

- Design de games
- Programação e pensamento computacional
- Educação financeira
- Estatística para tomada de decisão
- Matemática para economistas (em inglês)

MÚLTIPLAS LINGUAGENS (temas abordados)

ESPECÍFICAS

- Produção audiovisual
- Imagem e linguagem verbal
- Publicidade e propaganda
- Cinema documental
- Humor

ELETIVAS

- Arte contemporânea
- Mídia impressa e eletrônica
- Interpretação de textos poéticos (em inglês)
- Fotografia e ensaio fotográfico
- Animação
- Vozes femininas na literatura
- Vozes masculinas na literatura

TRAJETÓRIAS HUMANAS (temas abordados)

ESPECÍFICAS

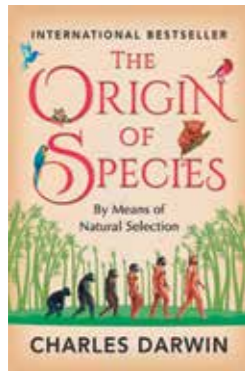
- Ética e Filosofia moral
- Dilemas contemporâneos
- Território e modernização
- 3º setor no Brasil
- Pensadores contemporâneos

ELETIVAS

- História do futebol
- História do cinema
- Relações internacionais
- Moda e Ciências Humanas
- Conflitos internacionais (em inglês)

Ciência, poesia e muito mais

Eletivas em inglês promovem o idioma ao mesmo tempo que servem de veículo para muitos outros aprendizados.



É uma história de avanços acumulados ao longo de séculos, capitaneados por homens e mulheres que se apoiaram sobre os ombros de gigantes. É também uma história de revoluções e disputas intensas entre novas ideias e saberes estabelecidos, ainda hoje travadas em nome da verdade – ou do mais próximo da verdade a que se pode chegar.

Se só essa descrição já aguçaria o interesse por uma das disciplinas eletivas oferecidas na 1ª série do Ensino Médio do Sabin, neste ano de estreia do novo modelo, um fato a torna ainda mais especial: ela é ministrada em inglês. À frente da disciplina *History of Science: is modern science universal?* (“História da Ciência: a ciência moderna é universal?”), o professor de Química (e ex-aluno) do Sabin André Fernandes vai abordar a contribuição de gênios como Newton, Lavoisier ou Darwin para o conhecimento humano, por meio de aulas e textos em língua inglesa, escritos sobre esses e outros grandes cientistas ou extraídos de suas obras originais.

Segundo André, além de passar “uma visão historicamente situada da construção do conhecimento científico”, com “fatores sociais e culturais envolvidos”, o curso pretende desfazer a ideia de Ciência como uma “lista de passos”. “É, na verdade, uma maneira de pensar que leva às melhores explicações possíveis, num dado momento, com base nas informações disponíveis”, define.

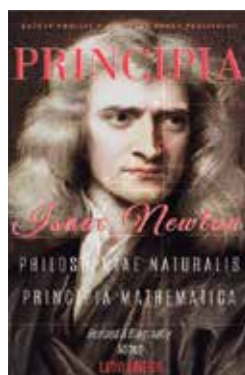
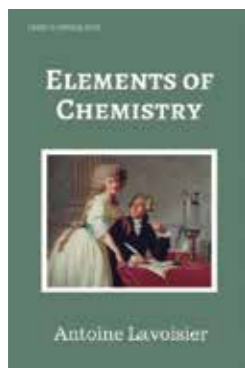
Que essa discussão seja feita totalmente em inglês só a torna ainda mais rica de aprendizados. “Não quero que a disciplina sirva só para apresentar conteúdo, mas que ela seja um meio de estimular, entre os alunos, leituras e conversas em outro idioma; que ela os motive a praticar a comunicação em língua inglesa sobre assuntos do seu interesse”, diz André.

É uma intenção semelhante à das professoras Fernanda Umezawa e Thaís Mistrello, responsáveis pela outra eletiva em inglês que está sendo oferecida para a 1ª série do Médio, em 2022, batizada de *Poems, songs and anything else* (“Poemas, canções e tudo mais”). Buscando atrair alunos afinados às letras e à linguagem poética, as professoras conduzirão exercícios de leitura e discussão de poemas e músicas em língua inglesa, numa experiência que vai exigir da turma não apenas domínio do idioma, como também repertório e competência interpretativa.

Nesse sentido, as duas eletivas adotam a mesma visão que o Sabin sempre teve do Inglês, tanto como um saber linguístico quanto como um veículo para outros saberes.

“O foco principal das eletivas em inglês nos itinerários formativos é o treinamento da língua, claro, mas os assuntos vão ser muito diversos, para despertar o interesse dos alunos”, diz Áurea Bazzi, coordenadora do Médio. “Pense no privilégio de ler, por exemplo, Darwin no original, ou a primeira tradução para o inglês do *Tratado Elementar de Química*, de Lavoisier, no qual ele descreve como descobriu o oxigênio, no século XVIII!” Vale notar que, para 2023, já estão previstas novas eletivas em inglês, acerca de temas como Matemática, Economia e conflitos internacionais.

Para a assessora de Inglês, Simone Magalhães, as eletivas abrem oportunidades raras para os alunos. “Num passado não tão distante, para o aluno ter uma aula dessas em outro idioma, ele tinha de fazer intercâmbio ou, no mínimo, buscar cursos *on-line* de instituições estrangeiras. Agora, estamos trazendo essa experiência para dentro do ambiente da escola”, diz ela.



Delicada perfeição

Unindo precisão de movimentos à leveza da dança, a Ginástica Rítmica promove lições que valem para a vida.



Tatiana Bahov Perfeito tem sobrenome adequado para uma professora de Ginástica Rítmica. Trata-se, afinal, de um esporte que exige um grau de precisão e coordenação que só com muito treino é alcançado. Um momento de distração, alguns segundos a mais ou a menos na execução de um movimento, um lançamento de aparelho fora do prumo, e a apresentação fica comprometida. Atingir o resultado “perfeito” é sempre um grande desafio, e é isso que torna a modalidade tão especial.

Segundo a professora, que dá aula para alunas a partir do 4º ano pelo Sabin+Esportes&Cultura, a Ginástica Rítmica explora “movimentos diferentes em relação a outros esportes, que ajudam a descobrir as possibilidades do corpo de forma leve e gostosa, unindo a ginástica a elementos da dança e do balé”.

Mas essa “leveza” não vem facilmente. Pelo contrário: a coordenação motora, o equilíbrio e o senso de ritmo são cru-

ciais. “Você põe à prova a agilidade e a flexibilidade do próprio corpo; lança um arco no ar, faz uma estrela, dá uma cambalhota e tem de recuperá-lo sem deixar cair”, diz Tatiana.

Justamente por exigir tanto do corpo, a interrupção das aulas presenciais devido à pandemia cobrou um preço. “Nos esportes em geral, voltamos todos um pouco destreinados”, comenta Tatiana, que, durante os meses de aulas remotas, ao longo de 2020 e começo de 2021, providenciou vídeos para que suas alunas ao menos treinassem, em casa, exercícios de equilíbrio e flexibilidade.

Até que, com a retomada das aulas presenciais, em agosto de 2021, as ginastas voltaram dispostas a recuperar a velha forma. “Foi muito bom ver todo mundo de novo e voltar a mexer nos aparelhos”, lembra Beatriz Duarte, aluna da 3ª série do Ensino Médio e praticante da Ginástica Rítmica do Sabin. Mesmo sentimento teve sua colega de equipe Julia Goya, também da 3ª série: “Até tentei manter os exercícios em casa, mas é na escola que temos o espaço adequado. E, claro, a Tati, que pode ajudar melhor a gente”, diz Julia.

Além disso, a volta ao presencial, segundo Tatiana, permitiu retomar um dos aspectos fundamentais do esporte: a sintonia com as colegas e o senso de coletividade. “Quando me apresento em conjunto, tenho de cuidar do meu movimento e da minha localização no espaço, mas também prestar atenção nas minhas colegas”, diz a professora. É uma experiência intensa de trabalho em equipe, cujo efeito pode ser sentido mesmo fora da pista, como declara Brenda Okubo, aluna da 2ª série do Médio, para quem a Ginástica Rítmica ensinou até a ser mais tolerante. “Antes, quando não estava a fim de fazer um trabalho de escola com uma pessoa, pedia para mudar de grupo. Na Ginástica, não tem isso”, diz Brenda.

Não é a única lição que as alunas de Tatiana vão levar dos seus dias de treino para a vida. “A gente aprende a ter paciência e resiliência”, diz Julia. “Às vezes, você tenta um movimento e não consegue de primeira. Tem de parar, respirar e se acalmar até conseguir”. Um bom lema para quem sabe que o primeiro passo para a perfeição é não desistir.



As ginastas Brenda Okubo (também no topo da página), Beatriz Duarte e, de joelhos, Julia Goya.

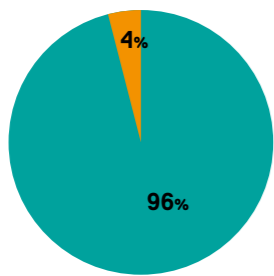
O impacto de cada um

Pesquisa convida alunos a considerar o impacto de suas ações na vida dos outros e no meio ambiente.

Não se trata de escolha: na vida em sociedade, a maioria de nossas ações, desde o engajamento em projetos coletivos até nossos hábitos de higiene pessoal, tem consequências que afetam em maior ou menor grau a vida de outras pessoas. Ter consciência disso – dos direitos e deveres que acompanham fazer parte de uma comunidade – é um dos principais aprendizados que escolas e famílias proporcionam para crianças e jovens. Entre outubro

e novembro de 2021, 455 alunos a partir do 4º ano do Fundamental responderam a uma pesquisa que buscou revelar o quanto eles têm ciência de suas responsabilidades como cidadãos preocupados com os outros e com o meio ambiente – e quantos afirmam agir conforme tais valores. Para comentar, convidamos a psicóloga especialista em Educação Moral **Flávia Vivaldi** e o professor de Sociologia do Sabin, **Cosme Marins**.

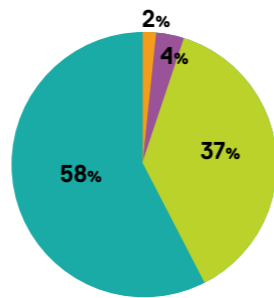
VOCÊ COSTUMA ESCOVAR OS DENTES COM A TORNEIRA DA PIA ABERTA OU FECHADA?



Aberta Fechada

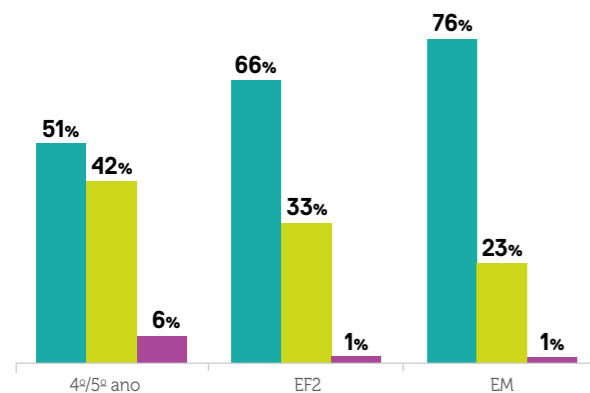
NO GERAL, VOCÊ TEM O CUIDADO DE EVITAR DESPÉRDÍCIOS?

(EXS.: DE COMIDA, ROUPAS, BRINQUEDOS, PAPEL, ETC.)



Sim Mais ou menos Não Não sei

VOCÊ COSTUMA DESLIGAR A LUZ AO SAIR DE UM CÔMODO DA CASA?

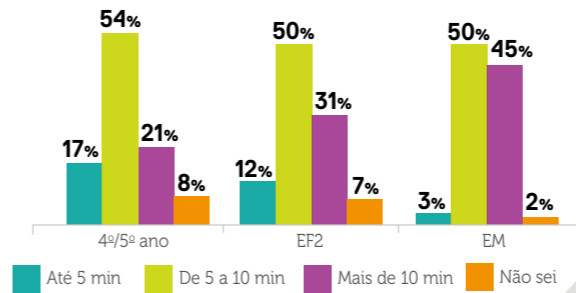


Sempre Às vezes Raramente/Nunca

Cosme Marins: “São números condizentes com o perfil dos alunos. O Sabin tem esse cuidado de conscientizá-los. Em cada sala tem um cartaz: ‘Ao sair, apague a luz’. Tem recipientes para reciclagem de papel. O restaurante tem lixeiros de orgânicos e recicláveis. Isso vai sedimentando hábitos. Mas a família também tem peso nisso. Em casa, tem o discurso, mas precisa ter também o exemplo. Não adianta o pai cobrar do filho, e ele próprio desperdiçar. Nesses quesitos, as duas instituições – escola e família – têm muito a contribuir.”

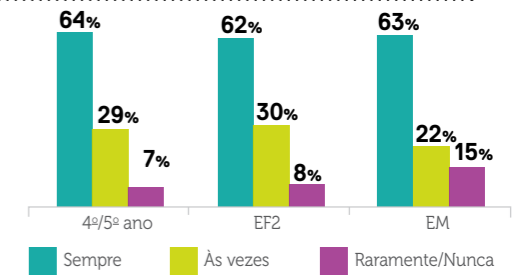
Flávia Vivaldi: “No geral, são resultados positivos. Mas vamos ponderar: o quanto disso não são, na verdade, atitudes automatizadas (como fechar a torneira ou apagar a luz) que apenas aparentam refletir uma tomada de consciência? Veja que, quando a pergunta é explícita sobre evitar desperdícios, o número de alunos é inferior, por exemplo, ao dos que fecham a torneira ao escovar os dentes – o que pode ser só hábito; no começo, precisa de alerta, mas depois se torna automático.”

NO GERAL, QUANTO TEMPO COSTUMA DURAR O SEU BANHO?



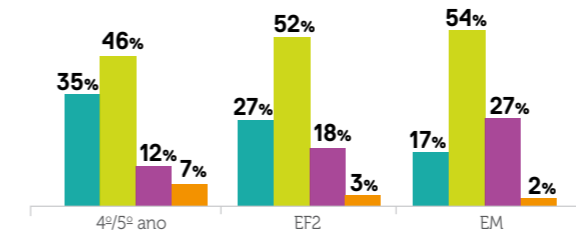
CM: “O tempo do banho aumenta no Ensino Médio. Aí tem um pouco o peso da família: quanto menores eles são, maior o controle, inclusive do banho. Mas também tem aquilo de o adolescente querer ficar um pouco só, é um momento mais privado. Quanto ao volume do som, o índice dos que raramente ou nunca se preocupam dobra. Aí tem muito da rebeldia do adolescente, o som alto é uma das formas mais comuns de manifestá-la. É um processo da idade, que passa.”

NA SUA CASA, VOCÊ CUIDA PARA QUE O VOLUME DO SOM QUE VOCÊ OUVE NÃO INCOMODE FAMILIARES OU VIZINHOS?



FV: “Alguns gráficos mostram respostas parecidas entre as idades, outros dão indícios da tendência egocêntrica da adolescência. Eles têm consciência dos problemas do mundo, mas nem sempre agem de acordo. Em situações prazerosas, é mais difícil se descentrar e pensar no outro. Esse egocentrismo é condição do desenvolvimento, que se dá de forma espiral: ele ocorre na criança, por um período mais longo, mas retorna na adolescência. Diminui sobretudo quando se entra no mundo do trabalho.”

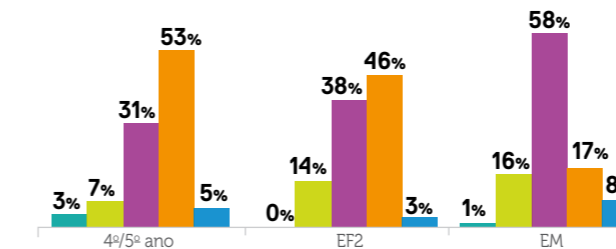
NO GERAL, VOCÊ SE ACHA UMA PESSOA PRESTATIVA E ENVOLVIDA NAS COMUNIDADES DE QUE FAZ PARTE?



Bastante; tomo a iniciativa de ajudar as pessoas e de participar das atividades sociais
 Mais ou menos; ajudo as pessoas e participo de atividades quando sou chamado(a)
 Não muito; prefiro me relacionar apenas com as pessoas mais próximas
 Não sei

FV: “O Sabin tem um trabalho forte de compromisso social, proporcionando aos alunos experiências de envolvimento com problemas da comunidade. Mas o gráfico mostra que esse envolvimento ainda está muito atrelado ao convite à participação. Se o Sabin não promovesse tantas ações assim, será que os alunos as vivenciarão? Pelas respostas, acho que não. A maioria age somente ‘quando é chamada’. Talvez ainda não seja um valor consolidado na vida diária. Aqui há um alerta para as famílias, para que a tarefa não seja só da escola: se elas vivenciassem valores de solidariedade e responsabilidade social em casa com mais intensidade, o resultado talvez fosse outro.”

VOCÊ VÊ UM GRUPO DE AMIGOS(AS) PRATICANDO BULLYING CONTRA UMA PESSOA COM QUEM VOCÊ NÃO TEM TANTA PROXIMIDADE. O QUE VOCÊ FAZ?



Junto-me ao grupo e me divirto também
 Acho ruim, mas não faço nada
 Acho ruim e peço para o grupo parar
 Acho ruim e denuncio o grupo a um adulto
 Não sei

FV: “Esse gráfico converge com a teoria: é uma tendência dos mais novos buscar a ajuda de adultos; à medida que avançam na autonomia, vão assumindo a responsabilidade de intervir. Isso não é bom ou ruim, são as etapas do desenvolvimento. O gráfico mostra bem o desenvolvimento e a capacidade que os alunos vão construindo de lidar diretamente com situações adversas.”

CM: “O que acho positivo é a quantidade de alunos que não concordam com isso, independentemente se falam diretamente com o amigo ou se acionam um adulto.”

A construção da cultura de paz como resposta à violência contemporânea

Nunca se matou tanto por tão pouco. É o que parece indicar um estudo do Conselho Nacional do Ministério Público, segundo o qual “motivos fúteis” estiveram, entre 2011 e 2012, por trás de mais da metade dos homicídios cometidos em vários estados brasileiros, com destaque para São Paulo, onde esse índice chegava a mais de 80%. Isso mostra uma cultura de violência presente no nosso país, que nisso segue o resto do mundo, e um desrespeito aos direitos humanos. A resposta a tal problema se encontra no combate a essa cultura por meio da Educação, com vistas à promoção da paz nas relações.

A construção de uma sociedade pacífica começa na infância. Isso acontece porque, geralmente, a criança enfrenta suas primeiras adversidades ao ingressar na escola, uma vez que nela se deve compartilhar o que era exclusividade em casa, como brinquedos ou a atenção dos pais. Por conseguinte, desenvolve-se uma competitividade que, se mal orientada, leva a criança a adotar a violência como modo de obter o que deseja. Para evitar isso, os professores

devem promover, entre os alunos, o diálogo como meio de resolver seus conflitos. Assim, cria-se neles um hábito que os conduzirá a formar uma cultura de paz.

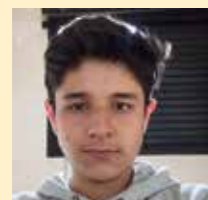
Não basta, entretanto, ensinar o aluno na escola a ser pacífico, se fora dela existe uma cultura que glorifica a violência, evidenciada pelos filmes de ação que ensinam a “bater primeiro e perguntar depois”. É impossível desejar que as crianças apre-

ciem o pacifismo, sendo que o meio delas não o faz. Por isso, é vital que os pais acompanhem o que elas consomem, a fim de garantir que, ao ter contato com conteúdos violentos, elas tenham maturidade para processar que a agressividade nunca é o caminho. Assim, edificar

uma sociedade fundada na paz também envolve que os pais guiem seus filhos na descoberta do mundo.

Digamos, portanto, que a cultura de paz é uma flor que plantamos hoje, por meio da Educação, para vermos seus resultados no futuro. Nesse sentido, as sementes são as crianças, e o adubo que vai fazê-las crescer abertas ao diálogo é uma mistura da ação dos pais e dos educadores.

“Não basta ensinar o aluno na escola a ser pacífico, se fora dela existe uma cultura que glorifica a violência.”



Luis Fernando Montecinos, ex-aluno do Sabin, concluinte em 2021.

Discursos de paz, ações de guerra

O homem. Nós, a humanidade, somos o ponto de interseção entre todas as guerras e conflitos, sejam as antigas invasões bárbaras, sejam as contemporâneas tentativas de dominar a produção no meio capitalista, visto que continuamos a buscar reconhecimento, poder e riquezas. Mesmo após milênios de guerras, parece não haver um método para detê-las ou exterminá-las, o que evidencia que a evolução humana pode alterar exteriormente as sociedades, mas não quem somos na essência.

É certo que, ao passar dos anos, as pessoas revolucionaram sua maneira de viver, pensar, produzir e se relacionar, mas os conflitos permanecem, independentemente do tempo histórico. Contraditoriamente, ao mesmo passo que a tecnologia e a ciência progredem, as armas se tornam mais eficientes, e os combates tomam maiores proporções. No século XXI, os ataques ainda se ampliaram para o campo psicológico e pessoal: as redes sociais estão impregnadas de ódio e desrespeito. Há quem diga que, no ringue do compartilhamento de opiniões, vale tudo em nome do louvável diálogo. Todavia, para que haja diálogo, é necessário

capacidade de escuta e de expressão, o que, muitas vezes, não ocorre na internet, a qual se torna apenas um mural de ideias.

Como solução desses conflitos, frequentemente são anunciados discursos de paz, solidariedade e rejeição à violência. Contudo, saber que algo é necessário não implica obrigatoriamente uma ação. Afinal, sabemos que precisamos nos alimentar de forma saudável ou “fazer o bem sem olhar a quem”, mas não há garantia de que todas as boas recomendações serão seguidas integralmente. Logo, a paz não pode ser somente um discurso, mas um valor fundamental, manifestado em ações concretas, na vida das pessoas e das nações, fruto de sabermos escutar e entender as necessidades alheias, para alcançarmos harmonia com nós mesmos e com a sociedade.

E se propuséssemos, no entanto, uma Última Guerra em nome da paz? Uma “Segunda Última Guerra” viria logo em seguida, motivada por alguma instabilidade política ou econômica. Lamentavelmente, persistiremos na tentativa de alcançar consenso por meio da violência, até que todos nós, um a um, descansemos em paz.

“A paz não pode ser somente um discurso, mas um valor fundamental, manifestado em ações concretas, na vida das pessoas e das nações.”



Giovanna Biazoto, ex-aluna do Sabin, concluinte em 2021.



Luísa Santos, ex-aluna do Sabin, concluinte em 2021.

Um ouvido amigo

Estagiária do Inglês do Sabin dedicou oito meses de 2021 como voluntária em projeto de mentoria gratuita a vestibulandos carentes.



Para Letícia Santiago Ferreira, estagiária do Departamento de Inglês do Sabin, 2015 foi um ano que ficou na memória. Ela estava terminando o Ensino Médio e se preparava para tentar uma vaga no curso de Linguística da USP (Universidade de São Paulo). Aluna de escola pública, Letícia estudava com apostilas de cursinho recebidas em doação, para chegar afiada às provas do vestibular. E, graças ao esforço pessoal e ao incentivo da família, ela conquistou a sonhada vaga.

No entanto, Letícia não se esquece da falta que fazia ter alguém que pudesse orientá-la especificamente sobre os estudos, alguém com quem dividisse a angústia naqueles dias trancada no quarto, com o nariz enfiado nos livros. “Eu me sentia muito sozinha”, recorda.

Essa foi uma das razões pelas quais a jovem dedicou a maior parte do ano passado a ser voluntária em um programa de apoio a estudantes carentes que prestam vestibular. O **Projeto Bekknum** é uma iniciativa de universitários de diversas faculdades, que realizam orientação de estudo gratuita e *on-line*. São oferecidos dois tipos de ajuda: a especializada, cujo objetivo é trabalhar as dúvidas e dificuldades dos alunos em disciplinas específicas; e a mentoria individual, que foi a forma como Letícia escolheu colaborar para o projeto, do qual participou de abril até dezembro de 2021.

“Essa mentoria ajuda os estudantes a organizar o aprendizado, a criar uma rotina de acordo com o seu ritmo, além de oferecer um apoio emocional, já que esse

costuma ser um período bem estressante”, explica Letícia. “É fundamental contar com um conselheiro, um ouvido amigo”.

Foi o que ela ofereceu, em sua passagem pelo projeto, às estudantes Raíra e Bianca, que estavam no último ano do Ensino Médio em 2021, por meio de reuniões virtuais semanais. Pelo menos para uma delas, os conselhos e o ouvido de Letícia parecem ter rendido frutos: “Raíra teve de dar um tempo nos estudos para o vestibular, pois encontrou um emprego de que estava precisando, para ajudar a família. Mas Bianca passou em Pedagogia na Unifesp!”, comemora a mentora, que viu no projeto uma chance de usar suas vivências acumuladas como aluna de graduação e estagiária do Sabin para ajudar jovens em condições semelhantes às que havia tido em sua vida. “Sempre estudei em escola pública. Então, realizar esse trabalho voluntário foi uma forma de retribuir o investimento feito em mim”, afirma.

Hoje, concluída essa experiência, Letícia deixa o Bekknum para perseguir novos sonhos em sua carreira acadêmica. “Não estou mais no projeto, para ter tempo de estudar para a prova de mestrado, no meio do ano”, diz a jovem, que acaba de concluir o bacharelado em Linguística e está no último semestre de sua licenciatura. Mas o tema de sua pesquisa de mestrado deixa claro que ela não abandonou a ideia de ajudar pessoas: ela pretende estudar o desenvolvimento de um método que utilize elementos da Linguística para identificar sequelas na fala de pessoas que tiveram Covid-19.



ERRATA: Na última edição (n. 79), na seção de Esportes & Cultura, este *game*, criado no curso de Programação e Robótica, não foi creditado ao devido autor, Miguel Farneda, então aluno do 6º ano F. Pedimos desculpas ao Miguel.